



Ano 12, Vol XXII, Número 1, Jan-Jun, 2019, p.85-103.

PRECONCEITO: Tipos e abordagem na Escola Estadual Governador Plínio Ramos Coelho (Humaitá-AM, Brasil)

PREVIOUS: Types and approach in the State School Governador Plínio Ramos Coelho

Talita Pâmela Costa Campos
Alexandre Mascarenhas Alecrim
Paula Regina Melo Meotti

RESUMO: O processo de ensino-aprendizagem é influenciado por diversos fatores, entre os quais percebe-se o preconceito como um importante marco negativo, que por sua vez afeta o desenvolvimento escolar por ser um fator que atinge o psicológico e o emocional, sendo ele de qualquer caráter ou espécie. Com base nisso, este trabalho teve como compreender a realidade e as várias faces dos tipos de preconceitos manifestados em sala de aula, analisando como esses temas são ministrados na escola de ensino médio Governador Plínio Ramos Coelho, nas aulas de Ciências no município de Humaitá/AM. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa de campo, para coletar dados por meio da observação direta extensiva, cujo instrumento de coleta foram questionários aplicados para 10 professores das disciplinas de Sociologia, Filosofia, Física, História, Química, Matemática, Educação Física, Língua Portuguesa e Literatura, e 97 alunos das séries 2ª e 3ª do Ensino Médio. Nas respostas houve predominância de relatos de maior ocorrência de preconceito relacionado com a orientação sexual, seguido do preconceito por obesidade, etnoracial e religião, tanto pelos professores, quanto pelos alunos. O ensino de Ciências ainda está muito ligado a tendências tradicionalistas, cujo o objetivo central constitui-se da 'transmissão' de conhecimentos, os professores de disciplinas de Ciências precisam ter desde sua formação acadêmica referências e preparação para trabalhar temas transversais, como o preconceito, em suas aulas, de maneira a problematizar questões do cotidiano dos alunos a fim de alcançar um aprendizado não só de construção de conhecimento científico, mas também social.

Palavras-chave: Preconceito, ensino de ciências, temas transversais.

ABSTRACT: The teaching-learning process is influenced by several factors, among which prejudice is perceived as an important negative framework, which in turn affects school development because it is a factor that affects the psychological and emotional, being of any character or species. Based on this, this work had as an understanding the reality and the various faces of the types of prejudices manifested in the classroom, analyzing how these subjects are taught at the Governador Plínio Ramos Coelho high school, in the science classes in the municipality of Humaitá / AM. For that, a field research was developed to collect data through extensive direct observation, whose instrument of collection were questionnaires applied to 10 professors from the disciplines of Sociology, Philosophy, Physics, History, Chemistry, Mathematics, Physical Education, Language Portuguese and Literature, and 97 students in the 2ª and 3ª grades of High School. In the responses, there was a predominance of reports of higher occurrence of sexual orientation related prejudice, followed by obesity, ethnoracial and religion prejudice, both by teachers and students. The teaching of science is still closely linked to traditionalist tendencies, whose central objective is the 'transmission' of knowledge, teachers of science disciplines must have references and preparation to work on cross-cutting themes such as prejudice, in their classes, in order to problematize questions of students' daily life in order to achieve a learning not only of scientific knowledge, but also of social construction.

Keywords: Prejudice, science teaching, cross-cutting themes.

1.0 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira tem como característica a heterogeneidade populacional, constituída por pessoas de varias etnias, classes sociais, religiões, culturas e orientações sexuais. Tais diferenças tem sido evidenciada pelo fato de que o país encontra-se em um período de consolidação e aceitação destas, onde aqueles que não obedecem os padrões sociais, erroneamente é conhecida por “minorias”, buscam conquistar o seu lugar digno na sociedade.

Em consequência disto torna-se imprescindível que as escolas assumam o papel ambientes formadores de cidadãos esclarecidos e preocupados com o bem-estar coletivo, atuando como esclarecedor das inúmeras e normais diferenças que existem em todo e qualquer contexto social, e que muitas vezes, acometem ao preconceito e conseqüentemente à discriminação. Nesse cenário, destaca-se o papel do professor enquanto intercessor do processo de ensino-aprendizagem, deve retratar situações que levem os discentes expandirem seus sentidos críticos quanto ao tema. Além disso, eles auxiliam no progresso da prevenção de igualdade a todos, através de seus princípios éticos e morais respaldados nos saberes científicos disponibilizados pela escola. Além disso, o professor precisa construir junto aos alunos um novo vínculo cultural relacionado a tolerância e o respeito às diferenças sociais.

A relevância desse projeto acerca da temática “preconceito” afirma-se através da rotina cotidiana em que este assunto se faz presente nas escolas. Uma vez que a escola é um espaço de formação, construção e desconstrução de conceitos e pré-conceitos, além de ser uma imprescindível formadora da sociedade. E é preocupando-se com essa geração de cidadãos que destaca-se a importância de trabalhar essa problemática. Contudo, primeiramente precisa-se compreender a verdadeira definição da palavra preconceito, para tal fim, segundo o dicionário Ferreira (2000) Preconceito é um Conceito ou opinião formados antecipadamente, Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste algum prejuízo.

Neste sentido, a partir dessa definição percebe-se o quanto o preconceito está presente em nossa vivência, do pessoal ao social. E, uma vez a escola sendo um espaço educacional e social conseqüentemente tal contexto também está inserido nesse âmbito. Sabe-se que vários fatores influenciam no processo de ensino-aprendizagem, e em consequência disto, percebe-se o preconceito como um importante marco negativo, que por sua vez afeta o desenvolvimento escolar por ser um fator que atinge o psicológico e

o emocional, sendo ele de qualquer caráter ou espécie. Desta forma, Johnson (1997 apud PRESA, 2006, p. 65) afirma que os seguintes fatores interferem diretamente no ensino, sendo: os fatores orgânicos e constitucionais, fatores específicos (visão, audição, coordenação motora); fatores emocionais e intelectuais, fatores ambientais, representados pelo lar, pela escola e pela comunidade como um todo”.

No entanto, considerando a escola como um ambiente multicultural e multirracial, capaz de gerar, ou até mesmo, ampliar pré-conceitos em referência a temas enraizados culturalmente na sociedade, muitas vezes de forma errônea e desconexa do sentido formal da educação, surge então a importância de conhecer esse ambiente. Contribuindo para a construção de um senso crítico baseado no respeito às diferenças genéticas, sociais e outras.

Em conexão com este ambiente escolar destaca-se a contribuição do professor na formação dos cidadãos, de modo que, este profissional é o que apresenta maior convívio com o corpo discente. Mas, para que o professor possa intervir na realidade é necessário, além, do conhecimento teórico, o reconhecimento do seu público e suas relações interpessoais no ambiente escolar.

Percebe-se que o ensino das questões preconceituosas necessita se basear em objetos verdadeiros. Principalmente os relacionados com as situações rotineiras do dia-a-dia dos alunos, de modo a aprimorar o conhecimento adquirido previamente pelos discentes.

Assim, nota-se a importância da contextualização dessa problemática, onde é essencial a abordagem de temas transversais, como o preconceito, em sala de aula, e a necessidade de pesquisas sobre assunto, pois é uma forma de quebrar tabus preestabelecidos. Buscou-se nesse trabalho compreender a realidade e as várias faces dos tipos de preconceitos manifestados em sala de aula, e analisando como esses temas são ministrados na escola de ensino médio Governador.

2.0 REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra preconceito como definida anteriormente, é um grande problema social e cultural do nosso país. E, ao falarmos em preconceito, quase sempre nos dirigimos a uma outra concepção parecida que, na prática do dia a dia, muitas vezes parece ter o mesmo significado; trata-se do conceito de discriminação.

Estes dois termos, preconceito e discriminação são muito usados nas Ciências Sociais e Humanas, de maneira que muitas vezes acabam por conturbar a pessoas quanto à sua conceituação (SOUZA, 2008).

As desigualdades sociais fomentam o surgimento de preconceitos e práticas discriminatórias as quais envolvem os atores sociais através das relações de poder estabelecidas, de forma hierarquizada ou impositiva, legitimando essas atitudes quando há um grupo majoritário sobre um grupo minoritário (MYERS, 1995).

Cordeiro e Buendgens (2012) afirmam que a forma como o outro é percebido define os contornos das relações interpessoais. Esses autores enfatizam em seu trabalho que a sociedade categoriza pessoas em função do que considera comum e natural para um grupo social, uma faixa etária, ou um status social. Nesse sentido, todas as pré-concepções construídas sobre esses grupos são transformadas em expectativas e normas e esperamos que as pessoas se comportem de acordo com elas.

A realidade é que a existência de atitudes preconceituosas em nosso país está intimamente relacionada com as diferenças de classes, impostas desde o início da colonização até os dias atuais. E, até mesmo devido as lutas sociais e econômicas pelo poder.

Um preconceito, ao contrário, pode existir sem jamais se revelar e, por isso, existe antes da crítica [...], porque o preconceito pode construir-se sobre o que nem foi pensando, mas apenas assimilado culturalmente ou plasmado em irracionalidades, emoções e sentimentos (LEITE, 2008, p. 21).

Além das diferenças de classes que corroboram para a existência de atitudes preconceituosas, a cultura local vivenciada é uma das formas mais comuns de se expressar esses pré-conceitos contra algo ou alguém. Pois são conhecimentos populares passados de geração a geração. Nessa perspectiva, entende-se que a manifestação do preconceito é individual, mas sua constituição se dá por meio das relações que cada um estabelece, as quais são permeadas por uma determinada história cultural e social (CORDEIRO e BUENDGENS, 2012).

O preconceito, portanto, não tem origem na crítica, mas na tradição, no costume ou na autoridade. Pode o preconceito redundar em uma discriminação, mas não se manifesta discursivamente sobre argumentos que visam a sustentar “verdades” (BOBBIO, 1992, pp. 203-16 apud LEITE, 2008, p. 22).

De acordo com Cordeiro e Buendgens (2012) o jovem se constitui e é constituído por meio de influências externas, sejam da família, da escola, dos amigos, da mídia, e muitas outras, as quais contribuem positiva ou negativamente para forjar a identidade do jovem. Sendo assim, a concepção vigente na psicologia sobre adolescência está fortemente ligada a estereótipos e estigmas.

Atualmente encontra-se inúmeras formas de preconceitos, mas seja classificado de qualquer maneira, nas mais distintas categorias, o que se sabe é que ele de fato existe e aterroriza a vida de grande parte da população. Machado (2007) afirma que independente da categoria a qual o preconceito refere-se sempre serão motivos de discussões, principalmente pela busca de soluções para extingui-los.

O preconceito mais comum na sociedade atual remete a orientação sexual, onde homossexuais são violentamente atacados das mais diversas formas. Segundo Mariuzzo (2003) essa variedade sexual deve a processos naturais do ser humano, o qual a expressa, como “atividade que lhe é própria enquanto resultante de seu desenvolvimento biológico, psíquico e social”. Este mesmo autor destaca que as particularidades são decorrentes de influências sociais e históricas, sejam educacionais, econômicas, ideológicas, morais, culturais e/ou políticas. Nessa perspectiva é preciso distanciar a sexualidade do contexto estritamente biológico, pois de acordo com Louro (2000):

[...] as possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade.

Outra forma comum de preconceito ocorre sobre pessoas que estão com o peso acima das normas sociais, principalmente às pessoas obesas. Segundo Araújo e colaboradores (2015) e a imagem corporal desejada exige uma adequação a parâmetros antropométricos aceitáveis ao padrão biomédico e estético defendido pela mídia. O corpo obeso fere essa tendência e, com isso, fica marginalizado na sociedade moderna.

Assim, essas discussões também devem estar presentes nas diferentes salas de aulas, posto que este conteúdo é um tema multidisciplinar, que acomete não

apenas uma disciplina, mas todas de caráter educacional. No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência Salles e Silva (2008).

Evitar o preconceito é possível se forem tomadas precauções relativas aos sentimentos positivos e negativos que se tiver previamente em relação a pessoas, fatos e ideias (LEITE, 2008, p. 29). Tomar providência significa refletir, elevar aspectos positivos e negativos, e analisar acerca dos indivíduos, elementos, opiniões e conceitos errôneos para que então as ações (atos e opiniões) possam ser mudadas e decorrerem de uma avaliação justa. Só a partir daí é possível exterminar as formas de preconceitos.

2.1 O papel da escola na pluralidade etno-cultural

O Brasil é um país rico em diversidade étnica, cultural, e plural em sua identidade, pois são vários os estereótipos e as características dos distintos povos que constituem o povo brasileiro. Essa diversidade, ao passo que torna o país rico culturalmente, abre espaço para a disseminação de preconceitos, relações de discriminação e exclusão social que impedem muitos brasileiros de ter uma vivência plena de sua cidadania (BRASIL, 1997).

Porém, as diferenças existentes entre povos, grupos e famílias, precisa ser encarado por todos como algo positivo, visto que a diversidade não exclui o comum. Segundo os Parâmetros Curriculares nacionais, que trata da pluralidade cultural e orientação sexual (BRASIL, 1997), o termo Pluralidade Cultural trata da afirmação da diversidade como característica fundamental para a construção de uma identidade que se põe e repõe permanentemente, e o fato de que os aspectos humanos de todos se manifestam em formas concretas e diversas de ser humano.

Os movimentos de inclusão/exclusão que geram várias formas de preconceitos e violências nas relações interpessoais, de acordo com Cordeiro e Buendgens (2012), onde respeitar e valorizar as diferenças é um ato de cidadãos éticos, que entendem que agindo assim não precisam aderir aos valores concepções dos outros, mas sim, respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação.

Neste sentido, deve ser uma preocupação da escola, educar para a cidadania, onde os alunos possam atuar na sociedade participando no exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de

solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito (BRASIL, 1998).

Pelo fato da escola fazer parte de um contexto social múltiplo que envolve diferentes realidades, o ambiente escolar também está sujeito a manifestações de preconceitos nos diversos aspectos, ainda que inconsciente ou involuntário. Mesmo sem intenção, tais ações trazem consigo obstáculos ao processo educacional, pelo sofrimento e constrangimento a que as pessoas que sofrem tais ações se veem expostas. É o preconceito, assumido como um julgamento sobre pessoas, estruturas sociais e objetos, fundado sobre bases insuficientes de experiência e, em geral, caracterizado por um componente emocional que, na maioria das vezes, é negativo (SCOPEL e GOMEZ, 2006).

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei nº 9.394/96) em seu artigo 2º estabelece que a Educação é dever da família e do Estado, em prol do pleno desenvolvimento do educando como cidadão e sua preparação para o mercado de trabalho. Em concordância com essa Lei, no documento que trata da pluralidade cultural e orientação sexual, fica claro que é dever e obrigação da sociedade como um todo mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, e a escola fazendo parte dessa sociedade, sob um papel de formadora de cidadão, assume grande parte dessa responsabilidade social.

Já o PCN aponta que a escola tem um papel crucial a desempenhar no processo de educação ética e cidadã, no que tange questões de discriminações sociais, preconceitos e desigualdades, e destaca três motivos que justificam sua importância:

Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença. Em terceiro lugar, porque a escola apresenta à criança conhecimentos sistematizados sobre o País e o mundo, e aí a realidade plural de um país como o Brasil fornece subsídios para debates e discussões em torno de questões sociais.

Logo, a criança na escola convive com a diversidade e tem a oportunidade de aprender com ela, onde para alcançar a formação do aluno em termos de instrução, de atitudes e de cidadania, faz-se necessário conhecer diferentes valores, reconhecê-los, experimentá-los, analisá-los criticamente e escolher livremente um

sistema de valores para si (SCOPEL e GOMEZ, 2006). Deste modo, compreende-se como grande desafio proposto para a educação o de conseguir estabelecer conexões entre o que se aprende na escola e a vida da população brasileira.

Essa contextualização necessária no processo educacional, é tida como indispensável no processo de ensino e aprendizagem, visando atribuir significados aos novos conceitos, sejam eles valores éticos, ou conceitos científicos. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais propõe temas transversais que tratam especificamente questões sociais como a Educação Ambiental, Orientação Sexual, Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Trabalho e Consumo, incorporando, assim, o conceito de transversalidade, oferecendo múltiplas possibilidades para que o aluno atue de forma a adotar valores a partir de critérios definidos pelos seus princípios (BRASIL, 1997). Além disso, a categorização desses temas sugere uma atenção especial a eles, sendo possível trabalhar de forma interdisciplinar questões que foram/ainda são tidas como tabus. Nesse sentido, as autoras Scopel e Gomez (2006) reafirmam que caberá às instituições de ensino a missão de ensinar valores para o desenvolvimento moral dos educandos, mediante a seleção de conteúdos e de metodologias que favoreçam a aplicação de temas transversais, dentre outros presentes em todas as matérias do currículo escolar.

Os PCN's (BRASIL, 1997) reconhecem ainda que embora não caiba à educação, isoladamente, resolver o problema da discriminação em suas mais perversas manifestações, cabe à escola, em todas as suas vertentes, atuar para promover processos, conhecimentos e atitudes que cooperem na transformação da situação da sociedade contemporânea no que refere-se aos preconceitos e discriminações sociais.

3.0 MATERIAIS E MÉTODOS

Seguindo as classificações metodológicas de Lakatos e Marconi (2003), o presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de campo, a qual tem como foco uma determinada comunidade, que não é necessariamente geográfica, voltada para qualquer atividade humana, bem como o âmbito escolar (GIL, 2007).

Pesquisas dessa natureza oferecem diferentes meios para obtenção dos dados por conta do complexo objeto de estudo. Assim, levando-se em consideração esses aspectos, bem como o objetivo deste estudo, os dados foram obtidos por meio de observação direta extensiva, cujo instrumento de coleta foram questionários.

Essa pesquisa voltou-se para as concepções de professores e alunos, da escola Estadual Plínio Ramos Coelho, a qual atende essencialmente alunos do ensino médio. Para tanto, os questionários foram aplicados com 10 professores da referida escola, e 85 alunos divididos em duas turmas da 2ª série e uma turma da 3ª série do ensino médio. Vale ressaltar que estas foram as turmas disponibilizadas pela escola para participar da pesquisa, e que os professores participantes foram os que estavam presentes na escola no ato da pesquisa, os quais aceitaram contribuir para o trabalho. Os professores participantes são identificados neste trabalho de acordo com a disciplina que ministra, na qual, consistem em uma professora de Sociologia, um de Filosofia, um de Física, uma de História, duas de Química (professora de Química 01 e professora de Química 02), uma de Matemática, uma de Educação Física, uma de Língua Portuguesa e Literatura, e um professor não declarou nem o sexo, nem a disciplina eu ministra.

Foram produzidos dois tipos de questionários (Apêndices B e C) contendo perguntas abertas e fechadas, um para os professores e outro para os alunos. Os questionários dos professores possuíam cinco questões, sendo uma aberta, e quatro fechadas (sim ou não). E os questionários para os alunos consistia de seis perguntas, sendo também uma aberta, e cinco fechadas, sendo que nas fechadas havia a opção de especificar a sua resposta. As perguntas feitas tanto para professores quanto para alunos, seguiram as mesmas abordagens do tema em questão.

Deste modo, este trabalho apresenta uma abordagem predominantemente qualitativa, a qual justifica-se, segundo Lakatos e Marconi (2003), por tratar dos aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, a fim de compreender a totalidade do contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno. Sob

essa perspectiva adotou-se o Método Fenomenológico, que pretende desvelar o fenômeno, aquilo que se mostra pô-lo a descoberto, desvendá-lo para além do que parece ser visto que o fenômeno não é tão evidente, porém existe, faz parte da realidade e deve ser investigado conscientemente pelo pesquisador.

4.0 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Professores

A análise dos questionários aplicados com os professores, permitiu conhecer quais as opiniões de uma amostragem de 10 professores, que lecionam para o ensino médio na escola em questão, a respeito do Preconceito como um tema de estudo e/ou uma realidade vivida nessa escola.

Como consta no Apêndice B deste trabalho, a primeira pergunta do questionário permitiu que cada professor expusesse sua concepção acerca do que considera ser o preconceito, visto que trata-se de uma pergunta aberta e pessoal.

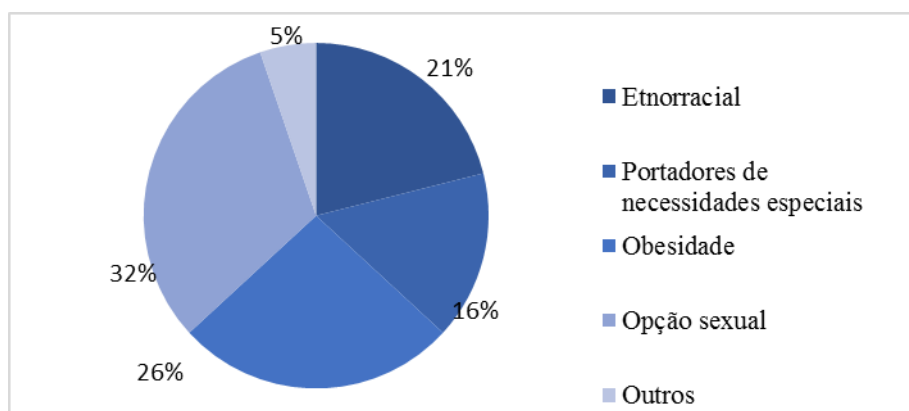
Assim, obteve-se dez conceitos distintos sobre o Preconceito, onde seis desses professores utilizam um dos termos “pré-juízo”, “pré-julgamento” ou “pré-conceito”, para corroborar o conceito. É perceptível a concordância entre eles na definição do termo, em que de modo geral, os seis docentes definem o Preconceito como um conjunto de conceitos estabelecidos sobre determinado indivíduo baseado apenas em especulações, sem conhecer realmente a vítima do preconceito. Este resultado vai de acordo com a definição do que é conceito, propriamente dito, pois segundo Barros (2011) “um conceito pode ser entendido como uma formulação abstrata e geral, ou pelo menos uma formulação passível de generalização, que o indivíduo pensante utiliza para tornar alguma coisa inteligível nos seus aspectos essenciais ou fundamentais, para si mesmo e para outros”.

Visto desta forma, o conceito apresenta-se como um pré-requisito para a percepção para a construção de um novo conhecimento de forma generalizada, não levando em consideração as especificidades de cada indivíduo ou fenômeno. Os outros quatro professores associam ao preconceito palavras como “violência”, “irracionalidade”, “transgressão de direitos” e “polêmica”. Os conceitos elaborados por estes apresentam suas concepções sob diferentes vieses que o preconceito perpassa na sociedade, e logo no ambiente escolar. Esses resultados concordam com Salles e Silva (2008) os quais afirma que na escola, a violência cotidiana aparece no desrespeito ao outro, na transgressão aos códigos de boas maneiras e a ordem estabelecida. Logo, os

preconceitos associados à falta de limites, à desconsideração pelos outros contribuem para que os jovens e adolescentes busquem se impor pela força e pela agressão.

A segunda questão buscava investigar a possível ocorrência de situações preconceituosas na escola, onde os professores tenham presenciado, visto que é comum as manifestações de preconceitos entre os alunos sem que haja a presença de algum responsável. Porém, dos dez professores participantes da pesquisa apenas um afirma nunca ter presenciado quaisquer atos dessa natureza na escola. Os demais docentes indicaram ainda quais os tipos de preconceitos presenciaram em tais situações, destacando que preconceitos sobre a orientação sexual predominam, como ilustrado na figura a seguir (Figura 1):

Figura 1 Tipos de preconceitos presenciados pelos docentes (Questão 2).



Fonte: Autora do Trabalho, 2018.

O elevado índice de casos onde a discriminação/preconceito acontece quanto a orientação sexual dos adolescentes é um fato comum historicamente na sociedade como um todo. E como a escola torna-se reflexo dessa sociedade é esperado que o mesmo ocorra em seu âmbito, pois os significados sobre sexualidade levam muitos indivíduos a buscarem um padrão socialmente aceito como normal, fazendo-os distanciar de uma visão humanística de como cada um percebe o seu corpo e sua sexualidade.

Segundo Coelho e Campos (2015) “discutir sobre diversidade sexual é defender o reconhecimento de diferentes possibilidades de vivência da sexualidade, sobretudo, no que se refere às orientações sexuais e identidades de gênero que fogem ao padrão heterossexista da sociedade atual”. Em concordância com as autoras faz-se necessário trabalhar essas questões no seio escolar, visto que cada professor tem papel contribuinte na formação de cidadãos esclarecidos e responsáveis pela sociedade.

A terceira questão aborda esse aspecto, buscando saber se os professores promovem debates ou outras formas de abordagem do Preconceito em sala de aula, inclusos ou não nos conteúdos programáticos. Os participantes que afirmaram ter promovido essas discussões foram os professores de Sociologia, Filosofia e História, todos com o tema Preconceito etnorracial, que compreende 40% da amostra.

Estas disciplinas compreendem segundo a BNCC (BRASIL, 2018) o grupo das *Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, que tem em comum o homem como objeto de estudo e suas relações sociais em todos os aspectos. Entre esses, inclui-se também a professora de Educação Física, referente ao grupo de *Linguagens e suas Tecnologias* que alega ter desenvolvido com seus alunos debates/palestra sobre a Obesidade infantil e adulta, tema este que está diretamente ligada ao bem-estar do corpo e a saúde física que é um dos objetivos dessa disciplina, tendo como conteúdo programático o Tema: Conhecimento sobre o corpo, pois nela os conteúdos estão organizados em três blocos, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental (BRASIL, 1997), e conseqüentemente aprofundado no ensino médio: Conhecimentos sobre o corpo; Atividades rítmicas e expressivas; e Esportes, jogos, lutas e ginásticas.

Já os 60% que negaram a realização dessas atividades foram os professores de Física, Química e Matemática. As disciplinas que ministram correspondem ao grupo de *Ciências da Natureza e suas Tecnologias* e ao grupo *Matemática e suas Tecnologias* (BRASIL, 2018). Segundo esses professores (questão 4 do questionário) os livros didáticos dessas disciplinas não contemplam o tema em questão, talvez essa seja uma explicação para a negativa visto que grande maioria dos professores ainda hoje seguem estritamente o livro didático. Porém, a professora de Língua Portuguesa e Literatura (grupo de *Linguagens e suas Tecnologias*) afirmou que no livro que trabalha o Preconceito é abordado, mas também não foi realizada atividades de debates sobre tal.

E a última questão remete a opinião de cada professor a respeito do estudo desse tema em sala de aula. Nesta obteve-se 80% das opiniões favoráveis a inserção do estudo do Tema Preconceito na escola. Porém, 20% dos professores não concordam, sendo eles o professor de Matemática e o professor que não declarou a disciplina que trabalha. Esses dois professores mostraram-se durante toda a pesquisa em oposição a abordagem de temas transversais como o preconceito na escola. Acredita-se que, no caso do professor de Matemática, ele preocupa-se com o cognitivo dos alunos, isto é, na aprendizagem de conteúdos práticos, voltando-se sua prática docente para o ensino

tradicionalista. Nesse sentido, faz-se necessário, conforme Scopel e Gomez (2006) haver um direcionamento para uma Educação Matemática que favoreça aprendizagens comprometidas com as dimensões sociais, políticas e econômicas que permeiam as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade.

4.2 Alunos

Com base nos questionários aplicados aos alunos do ensino médio, observou-se que há incidência recorrente de situações envolvendo o preconceito na escola. Este questionário possibilitou descobrir se os alunos já sofreram algum tipo de preconceito, ou presenciaram situações desta natureza, além de fornecer dados sobre a abordagem educacional do tema “Preconceito”.

A primeira questão tratou da concepção de Preconceito que discentes possuem. Obteve-se conceitos completamente distintos, sendo que a maioria, cerca de 60%, não apresenta um conceito propriamente dito, e sim um desabafo e repúdio como pode ser visto na resposta de um dos alunos:

Aluna 1: *“Preconceito vem do tipo de pessoas que geralmente são orgulhosas e só querem saber do seu bem-estar, não se preocupam com o próximo. Preconceito pra mim é ausência de caráter”*.

Esta mesma aluna, assim como outros 26 alunos, afirma ter sofrido preconceito em algum momento da sua vida escolar, seja por estar a baixo ou acima do peso, por questões etnorracial, orientação sexual. Além desses tipos, uma aluna afirma sofrer preconceito por parte dos colegas por ser menina e gostar de jogar futebol, assim como um aluno afirmou sofrer preconceito por ser de uma religião diferente da maioria dos colegas, e outra por ser míope e usar óculo.

Obteve-se também o relato do Aluno 2 que em sua resposta a esta pergunta declara: *“Pra mim o preconceito é uma coisa que ainda faz muitas pessoas sofrer e até chorar. O preconceito deve ter um certo controle e deve ser uma das piores coisas. O preconceito acontece pelo simples fato de você ser negro ou pequeno, entre outras coisas mais se você educar de maneira correta você pode combater”*. Percebe-se que a fala deste aluno é muito pessoal, onde enfatiza o sofrimento que sofrem as vítimas do preconceito, entre as quais ele se enquadra, pois na questão 2, o mesmo afirma sofrer frequentemente preconceitos por ser de uma estatura menor que a média de seus colegas.

O número referente a 14 alunos que afirmaram não saber atribuir um conceito ao Preconceito. No entanto, aproximadamente 40% dos alunos aproximaram-se de

conceitos estabelecidos por renomados estudiosos, onde simples definições como “*julgamento sem conhecer*”, “*mal juízo*”, “*apelidar alguém que não conhece*”, “*é um conceito que formamos da imagem de uma pessoa, mesmo antes de conhecê-la*”.

Entre essas, a Aluna 3 e o Aluno 4 apresentaram as seguintes definições: Aluna 3: “*é uma concepção já existe sem que haja fundamentação para tal opinião*”; Aluno 4: “*Preconceito é não respeitar as diferenças dos outros, e fazer julgamentos antecipados somente a partir de características físicas ou como opção sexual, e religião*”.

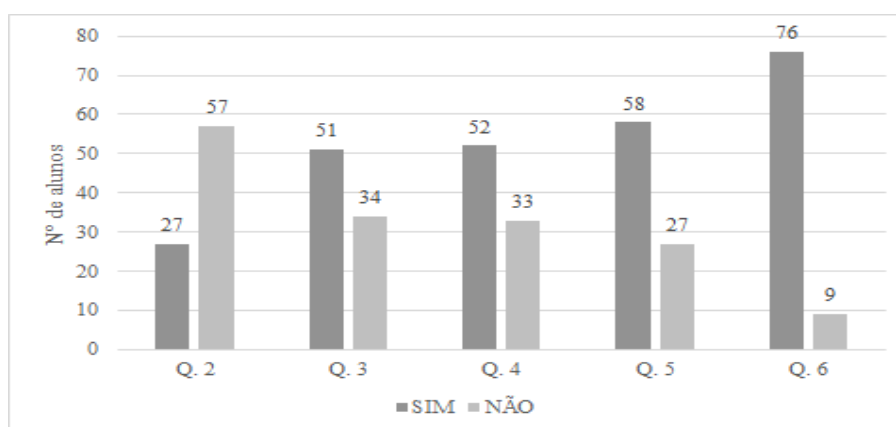
Estes conceitos vão de acordo com o conceito estabelecido por McLaren (1997):

Preconceito é o prejulgamento negativo de indivíduos e grupos com base em evidências não reconhecidas, não pesquisadas e inadequadas. Como essas atitudes negativas ocorrem com muita frequência, elas assumem um caráter de consenso ou cunho ideológico que é, muitas vezes, usado para justificar atos de discriminação (MCLAREN, 1997).

Assim percebeu-se que a maioria dos alunos tem noção sobre o que é e quais os prejuízos causados pelo preconceito, os quais apresentam em suas respostas termos relacionados a esse tema.

As perguntas objetivas do questionário são ilustradas na figura 1, mostrando a relação das respostas positivas e negativas para cada questão fechada:

Figura: Questões Fechadas



Fonte: Autores do Trabalho, 2018.

Como visto, a questão dois apresenta uma grande variação entre as respostas, predominando o “não”, ou seja, a maioria dos participantes nunca sofreram nenhum tipo de ataque preconceituoso na escola. Porém, dos 84 participantes, 27

relatam já ter sido vítima de alguma situação relacionada ao preconceito, entre eles a obesidade e a orientação sexual tiveram a mesma ocorrência, seguidos do preconceito etnorracial, obesidade, religião, estatura e uso de óculos. E um participante não respondeu à questão.

Na questão 3 percebe-se a inversão dessa variação, onde a maioria, declara já ter presenciado alguma forma de preconceito no ambiente escolar, na qual predomina situações envolvendo a orientação sexual, seguida do preconceito por obesidade, etnorracial e religião. As questões 4 e 5 referem-se a abordagem do tema Preconceito no contexto da educação formal, sendo a quarta questão voltada para participação desses alunos em atividades como debates acerca do tema. Nesta obteve-se que a 60% dos alunos marcaram ‘sim’ para a pergunta. Este resultado pode estar relacionado aos professores que afirmaram em suas respostas já ter realizado atividades desse gênero, provavelmente com esta demanda de alunos.

Já a questão 5 remete ao livro didático, na qual os alunos aproximadamente 68% dos alunos foram positivos a essa pergunta, pode-se concluir que estes alunos remetem aos livros didáticos que os 5 professores alegaram conter o conteúdo.

Já a última questão, trata da concepção destes alunos sobre a importância de se estudar um tema tão polêmico quanto o Preconceito. Nesta, cerca de 90% dos participantes consideram importante trabalhar este tema em sala de aula, sendo evidente na fala acima mencionada do Aluno 2 “[...] *se você educar de maneira correta você pode combater*”.

Sendo assim, vale ressaltar que é atribuído à escola o papel de educar, o que envolve bem mais que preparação para o mercado de trabalho. É ela que tem a função primordial de formar cidadãos comprometidos com o bem-estar social, visto que, Scopel e Gomez (2006) consideram a educação como o “único instrumento apropriado para a construção de uma sociedade justa, gerenciada por um aparelho estatal que se inaugura a partir de um projeto político implementado”. Logo, toda a comunidade escolar deve contribuir para tal formação, cabendo uma responsabilidade especial, aos professores de ciências, já que estes são os precursores dos conhecimentos científicos que embasam as construções sociais nos diversos aspectos. Especificamente, quando se trata da sexualidade, pois histórico e socialmente vem sendo atribuído a esses professores, o papel de levar questões relacionadas à sexualidade para as salas de aula. No entanto, conforme, Scopel e Gomez (2006) destacam é preciso reconhecer essa

peculiaridade do Ensino de Ciências, visando o melhor preparo destes profissionais, para que sejam capazes de problematizar e sensibilizar os alunos quanto a sentidos preconceituosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Ciências ainda está muito ligado a tendências tradicionalistas, cujo o objetivo central constitui-se da ‘transmissão’ de conhecimentos, os professores de disciplinas de Ciências precisam ter desde sua formação acadêmica referências e preparação para trabalhar temas transversais, como o preconceito, em suas aulas, de maneira a problematizar questões do cotidiano dos alunos a fim de alcançar um aprendizado não só de construção de conhecimento científico, mas também social. É preciso, no entanto, que os professores, primeiramente, identifiquem e reflitam sobre seus sentidos relacionados ao tema.

Professores de disciplinas humanas, que tem como objetivo o estudo das relações humanas e sociais, apresentam-se como participantes da desmitificação de temas como o preconceito, onde os livros didáticos incentivam os professores nessa abordagem, o que não ocorre com os professores que ministram disciplinas de ciências.

A escola é um espaço que contempla a diversidade, seja étnica ou cultura, para responder a seus princípios ela precisa reconhecer a pluralidade de vivências dos diferentes constituintes da comunidade escolar, de maneira a estimular as diferenças como positivas para a riqueza social.

Diante disso, é necessário que a abordagem desses temas inicie no projeto político pedagógico das escolas, pois é ele quem norteia todas as atividades escolares, onde promova uma comprometida com o desenvolvimento cognitivo e moral de seus alunos, de modo a permitir que eles venham a intervir na realidade para transformá-la.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kênya Lima de; PENA, Paulo Gilvane Lopes; FREITAS, Maria do Carmo Soares de. Sofrimento e preconceito: trajetórias percorridas por nutricionistas obesas em busca do emagrecimento. *Ciência & Saúde Coletiva*. Salvador, BA. 2015.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso de conceitos nas ciências humanas e sociais – uma contribuição ao ensino de metodologia. Revista eletrônica de Iniciação científica, tecnologia e artística, vol 1, n. 2, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

_____. Plano Nacional de Educação. 2011/2020.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n o 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação: Lei nº 9394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: ética e temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 8.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997. v. 10.

_____. Ministério da Educação, MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, ENSINO MÉDIO: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação, MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais - Brasília : MEC/SEF, 1997.

_____. Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais mais para o ensino médio +: ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília, 2002.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

_____. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 15 maio de 2018.

COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. Ciênc. Educ., Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.

CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado; BUENDGENS, Jully Fortunato. Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, janeiro/junho de 2012.

FERREIRA, A. B. H.; **Mini Aurélio século xxi escolar: O minidicionário da língua portuguesa** / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira 4. ed. rev. e ampliada. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica / Marina de Andrade MARCONI, Eva Maria Lakatos. - 5 ed. – São Paulo: Atlas 2003.

LEITE, Marki Quadros. Preconceito e Intolerância na Linguagem. (Coleção linguagem & ensino) São Paulo: Contexto, 2008.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.) Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, p. 85-93. 2009.

MACHADO, Carolina de Paula. A designação da palavra preconceito em dicionários atuais. 2007. Disponível em: eebcarloszipperer.files.wordpress.com/2011/10/a-

designac3a7c3a3o-da-palavra-preconceito-em-dicionc3a1rios-atuais1.pdf. Acesso em 19 de nov. de 2017.

MCLAREN, Peter. A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MYERS, D. G. Prejuicio, Desagrado por los demás. Em: Psicología Social. Estados Unidos. McGraw-Hill. 1995.

PRESA, Luís Alberto Passos (coord.). Psicologia da Educação II. Manaus: UEA, 2006.

SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas, 2008.

SCOPEL, Delza Tonole; GOMEZ, Mercedes Silverio. O papel da escola na superação do preconceito na sociedade brasileira. Rev. Educação e Tecnologia, ano 2, n. 1, 2006.

SOUZA, Isabela Augusta Andrade. O preconceito nosso de cada dia: um estudo sobre as práticas discursivas no cotidiano. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp058855.pdf>. Acesso em 19 de nov. de 2017.

Recebido: 20/4/2019. Aceito: 27/6/2019.

Sobre os autores e contato:

Talita Pâmela Costa Campos - Graduada em Ciências: Biologia e Química pela Universidade Federal do Amazonas.

Email: thalinhacostah@gmail.com.

Alexandre Mascarenhas Alecrim- Professor da Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente.

Email: alecrim_am@yahoo.com.br

Paula Regina Melo Meotti- Professora da Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente.

Email: Paula_rhm@hotmail.com